

2017.1 . Ano xxxiv . Número 33

CALÍOPE

Presença Clássica

Separata 3



2017.1 . Ano XXXIV . Número 33

CALÍOPE

Presença Clássica

ISSN 2447-875X

separata 3

Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas
Departamento de Letras Clássicas da UFRJ

Universidade Federal do Rio de Janeiro
REITOR Roberto Leher

Centro de Letras e Artes
DECANA Flora de Paoli Faria

Faculdade de Letras
DIRETORA Eleonora Ziller Camenietzky

Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas
COORDENADOR Ricardo de Souza Nogueira
VICE-COORDENADORA Arlete José Mota

Departamento de Letras Clássicas
CHEFE Fábio Frohwein de Salles Moniz
SUBCHEFE Rainer Guggenberger

Organizadores
Fábio Frohwein de Salles Moniz
Fernanda Lemos de Lima
Rainer Guggenberger

Conselho Editorial
Alice da Silva Cunha
Ana Thereza Basílio Vieira
Anderson de Araujo Martins Esteves
Arlete José Mota Auto Lyra Teixeira
Ricardo de Souza Nogueira Tania Martins Santos

Conselho Consultivo
Alfred Dunshirn (Universität Wien)
David Konstan (New York University)
Edith Hall (King's College London)
Frederico Lourenço (Universidade de Coimbra)
Gabriele Cornelli (UnB)
Gian Biagio Conte (Scuola Normale Superiore di Pisa)
Isabella Tardin (Unicamp)
Jacyntho Lins Brandão (UFMG)
Jean-Michel Carrié (EHESS)
Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade de Coimbra)
Martin Dinter (King's College London)
Victor Hugo Méndez Aguirre (Universidad Nacional Autónoma de México)
Violaine Sebillote-Cuchet (Université Paris 1)
Zélia de Almeida Cardoso (USP)

Capa e editoração
Fábio Frohwein de Salles Moniz

Revisão de texto
Fábio Frohwein de Salles Moniz

Revisão técnica
Lucia Pestana

Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas
Faculdade de Letras – UFRJ
Av. Horácio Macedo, 2151 – sala F-327 – Ilha do Fundão 21941-917
Rio de Janeiro – RJ www.lettras.ufrj.br/pgclassicas – pgclassicas@lettras.ufrj.br

A construção satírica no livro I de Juvenal

Leni Ribeiro Leite | Iana Lima Cordeiro

RESUMO

Analisa a construção satírica no livro I do satirista romano Décimo Júnio Juvenal. De acordo com a chave de leitura utilizada por William Anderson,¹ que admite a existência de uma *persona* que não necessariamente representa seu autor, faz-se a observação dos principais aspectos observados na *persona* que enuncia as cinco sátiras constituintes do primeiro livro de Juvenal. A metodologia seguida é proposta na *Análise de conteúdo* de Laurence Bardin e a análise tem como resultado a organização das características principais da *persona* em quatro categorias: a) associação da riqueza à falha de caráter; b) condenação a práticas viciosas; c) ironização de temas épicos e d) enaltecimento de modelos.

PALAVRAS-CHAVE

Sátira romana; Juvenal; *persona* satírica.

SUBMISSÃO 27 set. 2017 | PUBLICAÇÃO 20 dez. 2017

INTRODUÇÃO

D

écimo Júnio Juvenal foi um satirista romano que possivelmente viveu por volta do séc. II d.C.; a ausência de precisão na datação deve-se à ausência de fontes biográficas empíricas. Segundo David Armstrong,² há quatro fontes de referências sobre o poeta: notas e escólios³ em biografias da Antiguidade tardia; referências que o poeta faz a si mesmo no texto; referências feitas por Marcial em três epigramas; e uma inscrição em Aquino, onde a família de Juvenal tinha propriedades. O problema das três primeiras é basear-se no texto como uma verdade, e, mais do que isso, como uma autobiografia, pois, como afirma Susanna Braund,⁴ mesmo as biografias antigas se

baseavam no que era dito nos poemas. Quanto à inscrição, foi descoberta em 1772, em um templo dedicado a Ceres, segundo Mônica Vitorino,⁵ e apresenta o nome de Júnio Juvenal, contudo Vitorino alerta que não se pode considerá-la segura por ter sido reconstituída a partir de diversas cópias e transcrições e haver divergências quanto a sua interpretação. Essa nebulosidade em torno da vida do poeta fez com que a crítica juvenaliana seguisse duas tendências, segundo Braund:⁶ interpretar a obra como relato pessoal do poeta, como fez Gilbert Highet,⁷ e partir do texto para uma tentativa de reconstrução da vida de Juvenal, ou, em contraposição, como fez William Anderson,⁸ admitir a presença de uma *persona* satírica que não necessariamente representa seu autor, mas é conscientemente construída, como uma convenção do gênero.

Discordes de uma interpretação que leia o texto como um relato e, portanto, não se dedique a analisar como se constrói essa voz presente nos poemas, que não necessariamente representa de forma acurada as opiniões do poeta, optamos por adotar o viés de interpretação de Anderson⁹ e observar algumas das características mais recorrentes da *persona* poética nas cinco sátiras do livro I de Juvenal. Como resultado de nossa análise, estabelecemos quatro categorias predominantes: a) associação da riqueza à falha de

caráter; b) condenação a práticas viciosas; c) ironização de temas épicos e, por fim; d) enaltecimento de modelos. Para esclarecer a nossa concordância com essa concepção de interpretação, primeiro observaremos algumas características principais do gênero no qual se insere o poeta, a sátira, para perceber os motivos de dissenso entre estudiosos.

A SÁTIRA ROMANA

Inaugurada por Lucílio e retomada por Horácio, Pérsio e Juvenal, a sátira romana, segundo Braund,¹⁰ apresentava suas próprias regras: seu metro era o hexâmetro dactílico, e sua forma eram composições de curta a média extensão, geralmente variando entre 50 e 250 versos. Sua temática abrangia moralidade, educação e literatura. Geralmente se apresentava por meio de monólogo, com alguma ocorrência de diálogos, epístolas ou narrativas. Sua linguagem variava de rebuscada a cruel. Esses aspectos se originam nas sátiras de Lucílio, reconhecido pelos satiristas sucessores como fundador do gênero, e definido por Horácio¹¹ como o inventor da sátira.¹² Quintiliano, orador e professor de retórica latino, concorde com a atribuição horaciana a Lucílio, declara a sátira como genuinamente romana, na polêmica declaração: “*Satura quidem tota nostra est*”,¹³ cuja interpretação não é consensual entre os estudiosos, como demonstra Vitorino.¹⁴ Não se sabe se Quintiliano quis reivindicar a origem do gênero para os romanos ou declarar que a sátira romana seria superior à grega.

João Adolfo Hansen¹⁵ define a sátira como “um gênero retórico-poético baixo e misto, segundo a variante do cômico que se ocupa de vícios e viciosos nocivos, em chave didático-moral”.¹⁶ O autor também defende uma compreensão do gênero que se afaste de uma tendência biográfica: para Hansen, a sátira nem deve ser entendida como uma biografia de seu autor, nem ser tomada como referência para a reconstrução do contexto em que foi escrita pelas denúncias que traz.¹⁷ Braund,¹⁸ anterior a Hansen, também é descrente quanto à legitimidade da sátira enquanto denúncia social e reconhece a existência de uma *persona* poética que

não necessariamente teria correspondência com seu autor. Nessa perspectiva partilhada por Braund e Hansen, a variedade de temas e destinatários das sátiras é uma questão de decoro (conformidade com o gênero), e a *persona*, uma questão de estilo.

A sátira, por apresentar elementos cômicos, seria, em uma definição aristotélica, um gênero baixo.¹⁹ Sobre a categorização de um gênero como menor, Mario Citroni²⁰ afirma que havia um preconceito, na cultura antiga, em relação a gêneros que representassem literariamente a vida cotidiana. Um gênero que tivesse como temática principal essa representação, fazendo-a com uso de linguagem corrente para mais adequadamente expressar situações comuns ou humildes, era tido como menor na hierarquia canônica. O autor traz como exemplo a comédia, considerada “espelho da vida” pela teoria literária helenística, a ser retomada por Cícero e Horácio, que, devido a essa excessiva proximidade com a vida comum em linguagem e conteúdo, tem seu estatuto de poesia questionado (ao passo que a tragédia, mais distante nesse quesito, é um parâmetro de elevação poética). Sobre o contexto de surgimento da sátira, Citroni afirma:

A exigência de formas diversas de abordagem artística à experiência direta da vida social, de formas que, para além da impessoalidade da comédia, consentissem um confronto direto da pessoa do poeta com o seu ambiente e com a sociedade e a cultura do seu tempo, levou a algumas esporádicas retomadas da poesia jâmbica, mas sobretudo determinou o nascimento, já nas fases iniciais do desenvolvimento da literatura latina, de um gênero novo e original – a sátira [...].²¹

Vitorino faz uma aproximação da poesia jâmbica de que trata Citroni com a sátira, elencando alguns elementos temáticos e textuais presentes em ambas:

Considerada um gênero de poesia menor, [a poesia iâmbica] apresenta todos os elementos próprios da tradição satírica: o realismo, a agressividade, a temática moral, elementos de moralidade popular, fábulas, provérbios, passagens

anedóticas, elementos autobiográficos, tudo em uma linguagem distante do nível alto e rebuscado dos estilos mais elaborados.²²

No entanto, no que se refere à influência da poesia iâmbica, não é possível chegar a conclusões definitivas, devido aos poucos fragmentos das sátiras de Ênio e Lucílio e os escassos fragmentos da poesia iâmbica helenística. A hipótese de Vitorino,²³ contudo, é que a não uniformidade de tema ou metro nas sátiras de Ênio seja uma influência advinda desse gênero.

A partir da observação de alguns dos principais elementos característicos do gênero satírico, façamos um breve percurso pela crítica juvenaliana para perceber de que forma essas características foram interpretadas por diferentes autores e entender a existência do dissenso, entre os estudiosos de Juvenal, no que se refere à obra do poeta em relação, ou não, com sua vida pessoal.

A QUESTÃO BIOGRÁFICA EM JUVENAL

A ausência de informações empíricas sobre a vida do poeta fez com que, por muito tempo as sátiras juvenalianas fossem lidas por um viés autobiográfico, entendendo-se a presença da primeira pessoa como uma declaração do próprio autor. No entanto, é difícil estabelecer um consenso entre os estudiosos de Juvenal. Há, na fortuna crítica sobre o poeta, posturas conflitantes entre os pesquisadores: há quem entenda a obra do satirista como reflexo de sua vida,²⁴ quem defenda a existência de uma *persona* que não necessariamente represente seu autor,²⁵ quem procure evidências, até mesmo extratextuais, que funcionem como pistas para formular uma biografia do poeta,²⁶ e, contrariamente, quem não acredite que tais provas sejam suficientemente empíricas.²⁷

Segundo a divisão de momentos na crítica juvenaliana estabelecida por Braund,²⁸ Gilbert Highet tem papel expressivo na tendência biográfica. O crítico dedica-se a depreender a biografia de Juvenal de suas sátiras tendo como única fonte a obra do satirista. Highet desconsidera a existência de uma *persona* poética construída por Juvenal: embora admita que o poeta raramente fale

de si (no sentido de usar a primeira pessoa do singular), o crítico depreende toda e qualquer situação descrita nas sátiras juvenalianas como experiências biográficas relatadas pelo próprio. Além disso, coloca-o também como dissonante em relação a outros satiristas por ter sido Juvenal um homem amedrontado; incomum, pois “os satiristas geralmente são homens ousados e diretos que não se importam com ninguém”.²⁹ Carmo,³⁰ ao tratar da contribuição de Highet para a crítica biográfica, comenta que o estudioso situa a vida e a obra de Juvenal em uma relação de interdependência: a vivência do poeta o motiva a escrever, e o entendimento da obra é mais completo se a mesma for compreendida como expressão dessa vivência.

Por outro lado, há William Anderson,³¹ representativo do segundo momento estabelecido por Braund,³² que vai de encontro à concepção de Highet. Anderson justifica sua metodologia como surgida a partir da assunção de que Juvenal tenha escrito sua poesia de forma controlada e elaborada, além disso, o estudioso afirma ser um forte opositor aos outros críticos que acreditavam na sátira como um documento social ou como expressão de um protesto social.³³ Anderson acredita ser óbvio tanto que a obra de Juvenal não fosse um retrato confiável da Roma no séc. II d.C. quanto que o poeta utilizasse de técnicas literárias que absolutamente não eram espontâneas. De forma geral, Anderson defende que a sátira romana seja antes uma obra de arte que mereça análise literária cuidadosa, e que a denúncia social ou os aspectos autobiográficos de seu poeta, quando possíveis, sejam apenas um aspecto secundário do produto final. Anderson³⁴ também comenta a dificuldade que satiristas causaram a seus críticos, por frequentemente afirmarem dizer a verdade, cada um a seu modo. No entanto, o autor pontua que o poeta não deve ser identificado com a personagem satírica que se pronuncia, ou seja, admite a existência de uma *persona* poética indissociada de seu autor. Braund³⁵ é concorde com o pensamento de Anderson e inclusive denomina a concepção de Highet como uma “falácia biográfica”. Adepta do mesmo viés de interpretação de Anderson e Braund, Vitorino afirma:

Uma interpretação biográfica demonstra-se, na realidade, visivelmente empobrecedora, um instrumento ineficaz para a análise literária, servindo tão somente para alimentar controvérsias que não encontram nenhuma sustentação sólida, e são extremamente danosas à compreensão de um poeta cuja grandeza não deve ser diminuída nem ofuscada por simples conjecturas sobre a sua vida.³⁶

Ainda que tenhamos em vista a complexidade de se chegar a conclusões sobre a vida de Juvenal devido à ausência de evidências empíricas, convém mencionar algumas hipóteses discutidas por estudiosos, por fazerem parte da fortuna crítica do poeta e influenciarem diferentes leituras da obra. A localidade de Aquino, como afirma Vitorino³⁷ é atribuída como naturalidade do satirista devido à locução *tuo Aquino* dirigida ao poeta na sátira 3, além da menção às divindades locais Ceres e Diana. Segundo Vitorino,³⁸ há uma inscrição em um templo dedicado a Ceres, descoberta em 1772, que apresenta o nome de Júnio Juvenal. Contudo, a estudiosa alerta que não se pode considerá-la segura por ter sido reconstituída a partir de diversas cópias e transcrições e haver divergências quanto a sua interpretação.³⁹

Do que chegou até nós, o único contemporâneo a escrever sobre Juvenal foi o epigramatista Marcial. Vitorino⁴⁰ afirma que, baseando-se nos epigramas, é possível supor que Juvenal frequentasse a Suburra, região onde habitavam pessoas de baixa condição, tivesse trabalhado como advogado e fosse um cliente. Não há menções a qualquer atividade poética de sua parte. Também a partir dos epigramas de Marcial, Armstrong⁴¹ conclui que Juvenal gostava de piadas eróticas e era eloquente,⁴² além de parecer ter tido uma relação próxima com Marcial durante a juventude.

No que diz respeito à condição financeira de Juvenal, não há um consenso entre os estudiosos. David Armstrong,⁴³ baseando-se na inscrição encontrada no templo de Ceres, defende que Juvenal tenha sido um equestre próspero, e, partindo de uma interpretação que supõe uma correspondência entre o autor e sua *persona* satírica, que esta também demonstrasse pertencer a um

nível social superior.⁴⁴ Gilbert Highet e José Pérez, por outro lado, descrevem Juvenal como pobre e, também, representante dos pobres, nas palavras de Pérez, o satirista é “poeta dos pequeninos”.⁴⁵ É importante observar que esse crítico tem uma abordagem semelhante à de Highet no que diz respeito à interpretação do texto como uma representação pessoal do poeta. Logo, é seguro concluir que ambos partem de uma associação direta entre o discurso do satirista nos poemas e o autor do texto, Juvenal, como se a indignação expressa em relação à riqueza fosse um desabafo pessoal do próprio poeta por ser esse o motivo de seu enfado.

Como percebemos, as hipóteses acerca de Juvenal e as interpretações de sua obra são plurais, variando entre os pesquisadores de acordo com sua adesão ou não a um entendimento biográfico da sátira juvenaliana. Devido à ausência de informações empíricas extratextuais, aqui desconsideramos a inscrição no templo, em função do dissenso entre estudiosos no estabelecimento e na interpretação desse texto. Seguimos a chave de leitura proposta por Anderson para realizar nossa análise.

ANÁLISE DA SÁTIRA JUVENALIANA

A obra de Juvenal organiza-se em cinco livros nos quais há um total de 16 sátiras. Nosso foco é explorar o livro I, composto de cinco sátiras, para analisar a construção da *persona* poética juvenaliana, entendendo *persona* como um satirista intencionalmente criado para cumprir com a distorção cômica típica do gênero. Assim, optamos por seguir a mesma linha de Anderson e Braund, ou seja, não atribuiremos pessoalmente ao poeta Juvenal quaisquer das características aqui elencadas, mas faremos uma categorização (relativamente generalizante, devido ao caráter deste trabalho) de comportamentos que a *persona* predominante no livro I apresenta.

Para nossa análise, partimos do que define Amossy:⁴⁶ “Todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si”, ou seja, a partir do momento em que nos

expressamos, involuntariamente começamos a moldar nossa própria imagem e, nesse sentido, é válido observar que essa se constrói tanto pelo dito quanto pelo não dito. Entretanto, a diferença aqui é que não lidaremos com uma imagem que diz respeito ao autor do texto em si, mas a um satirista intencionalmente criado cuja expressão pessoal mais atende a um decoro do gênero satírico do que é um desabafo.

As categorias aqui definidas foram estabelecidas a partir de leitura atenta das sátiras com o objetivo de encontrar atitudes do enunciador que fossem recorrentes ao longo dos poemas. Não pudemos listar uma quantidade vasta devido à limitação de tempo e espaço deste trabalho, mas acreditamos ter elencado alguns dos aspectos principais do livro 1, a partir dos quais é possível explorar características dessa *persona* indignada e, ainda, discutir a sátira e o satirista dentro de questões comuns no estudo do gênero. Nossa categorização, portanto, é a seguinte: a) associação da riqueza à falha de caráter; b) condenação a práticas viciosas; c) ironização de temas épicos e d) enaltecimento de modelos, como explicamos mais detidamente a seguir.

ASSOCIAÇÃO DA RIQUEZA À FALHA DE CARÁTER

Esse é um aspecto de inegável expressividade no livro 1 e foi profícuo para a crítica biográfica. Como vimos, estudiosos como Highet e Pérez viram em Juvenal um cliente pobre, o que justificaria sua escolha pelo gênero satírico e pelo tom indignado com que se apresenta. Por outro lado, há Armstrong como um defensor de que Juvenal tenha sido um equestre.⁴⁷ Não tomaremos partido nessa discussão, por sermos concordes com a opinião de Syme e Vitorino de que não existem evidências satisfatórias para se chegar a alguma verdade sobre a vida do poeta. Tendo sido o poeta Juvenal pobre ou não, é fato que seu satirista (aqui empregado como sinônimo de *persona* poética) apresenta profunda desconfiança em relação aos ricos e até condena a ascensão social por entendê-la um sinônimo de decadência moral.

O satirista afirma querer manter distância de ricos: “Essas pessoas, que agora estão conhecidas entre os nossos mais ricos, dos quais, em especial, fugirei [...]”⁴⁸ e “não devo fugir desses que usam roxo?”⁴⁹; e, em alguns momentos, associa a riqueza diretamente ao crime; declara que a única forma de ser alguém em Roma é cometendo algum crime: “Ouse algo digno de exílio ou prisão, se quiser ser algo”;⁵⁰ e que o crime enriquece: “Aos crimes se devem jardins, mansões, mesas, pratas antigas e taças com desenhos de cabras na superfície”.⁵¹ Além disso, o satirista condena os laços apenas superficiais que manteriam os ricos, que não ficariam tristes nem diante da morte de um amigo: “Essa nova [a morte de um abastado] não é triste nos jantares; as exéquias são aplaudidas pelos amigos irados”.⁵² Ainda sobre as relações sociais entre os abastados, a mesquinhez é vigorosamente reprovada pelo satirista, que critica senhores que são perdulários dispendiosos com banquetes e jogos de azar, mas resistentes a auxiliar servos em necessidades básicas: “É uma simples loucura perder centenas de sestércios e não dar uma camisa ao escravo que treme?”⁵³; ou amigos: “O próprio bebe vinho engarrafado de quando os cônsules tinham cabelo e se embriaga da uva pisada nas Guerras Sociais, mas jamais enviará uma colher para o amigo indigesto”.⁵⁴

O contraste social não passa despercebido, sendo apontado, em tom de crítica, em tratamentos desiguais designados a clientes ou servos: “Não há nada mais duro na pobreza infeliz do que em quão ridículos ela torna os homens”,⁵⁵ “Que genro de menor censo que nem se iguala às bolsinhas das meninas aqui agradou? Que pobre se escreve herdeiro? Quando está no conselho com os edis?”⁵⁶ e “Nós, clientes, somos coagidos a prestar tributos e tornar escravos cultos mais ricos”⁵⁷. Na sátira 5, de modo geral, há uma ferrenha crítica ao tratamento desigual dispensado aos convidados em jantares, enquanto os abastados recebem comida de melhor qualidade, aos clientes são servidos bebidas e alimentos de qualidade inferior, até no que diz respeito à água: “Eu reclamava que vós não sois servidos com o mesmo vinho? Bebeis diferente água”.⁵⁸

Por fim, por entender a riqueza como sinônimo de comportamentos imorais, o satirista, naturalmente, reprovava a ascensão social; na sátira 1, a programática, essa ascensão é listada como um dos motivos pelos quais é inevitável escrever sátira. O dinheiro, segundo o satirista, é mais louvado que os próprios deuses: “Afim, o dinheiro é entre nós a maior das divindades, embora a funesta Pecúnia não more ainda em seu templo, pois não erigimos altares de dinheiro”;⁵⁹ e, na sátira 5, há uma invocação à suposta divindade: “Dinheiro, é para ti a honra, tu és um irmão”.⁶⁰

De modo geral, a riqueza não só está intrinsecamente associada à decadência moral, como é de suma importância para que alguém seja admirado e tido como confiável: “Tanto quanto alguém tenha de dinheiro na arca, / tanto é a sua confiança”,⁶¹ e “Se algum deus ou homem semelhante a um deus te desse uma fortuna equestre, tu não serias mais um ninguém, mas um poderoso amigo de Virrão!”.⁶² Além disso, o enunciador insinua que os próprios ouvintes da sátira sejam criminosos: “Toda vez que Lucílio, como que com uma espada, ruge, o ouvinte cuja consciência está congelada de crimes enrubesce e suas entranhas suam pela culpa”.⁶³

CONDENAÇÃO A PRÁTICAS VICIOSAS

Para essa categoria, entendamos vício em seu sentido aristotélico. Em *Ética a Nicômaco*,⁶⁴ Aristóteles define a virtude como uma disposição de caráter baseada no meio-termo, e, nesse sentido, o vício seria o excesso ou a falta. Logo, embora a criticada devoção ao dinheiro, há pouco discutida, também possa ser considerada um vício, entendamos aqui como viciosas as atitudes nas quais se subentende ausência de autocontrole tanto no que diz respeito a hábitos autodestrutivos quanto a comportamentos que configurem, em alguma medida, infração ao código moral vigente. Na sátira programática, o enunciador questiona em que outro tempo foram os vícios tão abundantes em Roma⁶⁵ e declara: “A posteridade não adicionará nada pior aos nossos costumes, nossos

descendentes farão e quererão o mesmo, todos estiveram no limite dos vícios”.⁶⁶

A conduta sexual imprópria, como veremos, é alvo constante de invectiva do enunciador. O satirista condena homens que se deitam por interesse com mulheres mais velhas: “Quando te empurram os que ganham com trabalho noturno, que são elevados aos céus pelo melhor caminho para grandes sucessos, a cama de uma velha senhora?”;⁶⁷ indivíduos que frequentam bacanais: “É bom fugir daqui para além da Sarmácia e do Oceano glacial quando alguns que imitam Cúrios, mas vivem de Bacanais, ousam falar sobre moral”;⁶⁸ e a pederastia de modo geral.

Na sátira 2, é evidente a invectiva direcionada à homossexualidade e à hipocrisia, como é possível observar nos versos: “Castigas depravações, sendo seu buraco o mais conhecido entre os putos socráticos? Membros peludos e ásperos chumaços pelos seus braços prometem um espírito atroz, no entanto seu ânus é delicado quando o médico, rindo, dele retira bolotas inchadas”.⁶⁹ Em seguida, afirma que é preferível que quem tenha essa conduta demonstre explicitamente sua “doença”: “Portanto mais verdadeiro e mais naturalmente age Peribômio; que imputo aos fados, admite a doença na aparência e nos modos de andar. A miserável simplicidade destes, a própria loucura já lhes perdoa”.⁷⁰ Para o satirista, a loucura é menos vergonhosa que qualquer depravação, pois quando condena o uso de roupas inadequadas, sugere que se ande nu de vez: “A loucura é uma torpeza menor”.⁷¹ Ao final da sátira em questão, o enunciador sugere que garotos que tivessem vindo a Roma como espólio de guerra estivessem também sujeitos a adotar os costumes vergonhosos:

Veja os efeitos dos negócios: vêm como espólio de guerra, mas aqui se fazem homens. E, se é concedido aos meninos ficar mais na cidade, nunca lhes faltará amante, e calças, cutelos, arreios e chicotes serão deixados. E assim os costumes mostrados serão levados de volta a Artaxata.⁷²

Na sátira 3, a invectiva é direcionada ao ator cômico grego Demétrio, famoso por encenar mulheres mais velhas, que é

retratado como um pervertido que não consegue conter os impulsos sexuais: “Além disso, nada é sagrado para ele ou está a salvo de sua virilha: nem a matrona do lar, nem a filha virgem, nem mesmo o esposo ainda imberbe, nem o filho antes virtuoso. E, se não há nenhum destes, pelas costas pega a avó do amigo”.⁷³ Já na sátira 4, o alvo é Crispim, um egípcio que ascendeu ao *status* de equestre e obteve uma alta posição durante o governo de Domiciano:⁷⁴ “Eis de novo Crispim, que frequentemente convoco para o papel, um monstro sem nenhuma virtude para redimir seus vícios, com vigor apenas para a libertinagem e para os prazeres doentes, adúltero que despreza somente mulheres viúvas”.⁷⁵ O satirista insinua, inclusive, que Crispim tenha mantido relações sexuais com uma Vestal: “Nenhum homem mau é feliz, muito menos um corrupto e poluto, com quem recentemente deitou-se uma sacerdotisa com fita no cabelo, que agora será sepultada com sangue ainda quente”.⁷⁶

IRONIZAÇÃO DE TEMAS ÉPICOS

A *épica*⁷⁷ é citada logo no início da sátira 1: “Sempre terei que apenas escutar? Nunca responderei, sempre vexado, à Teseida do rouco Cordo?”,⁷⁸ quando o satirista critica a predominância, entre os poetas, de um gênero que não tratava da realidade. Aqui, há uma defesa da sátira, que denunciaria a realidade, em oposição à *épica*, cuja temática principal seriam mitos e, por isso, inútil, por ser distante do cotidiano dos ouvintes. Para Osgood,⁷⁹ o gênero satírico, na sátira programática de Juvenal, desafia engolir o gênero *épico*, e, nessa medida, o satirista torna-se o único herói restante. De fato, Lucílio é mencionado como um herói *épico* em dois momentos na sátira programática: “Explicarei por que me apraz trilhar o mesmo campo onde o grande aluno de Aurunca domou os cavalos, se tens tempo e aceitas ouvir calmamente”⁸⁰ e “toda vez que Lucílio, como que com uma espada, ruge, o ouvinte cuja consciência está congelada de crimes enrubesce e suas entranhas suam pela culpa”.⁸¹ Além disso, ao final dessa sátira, o enunciador declara: “Tentarei o que puder contra aqueles sobre os quais jaz o

pó da Flamínia e da Latina”,⁸² o que, em certa medida, também o coloca na posição de herói que tentará o feito de desafiar os poderosos.

Quanto à zombaria com os temas épicos, percebemos algumas ocorrências na sátira 2, em que o satirista, para falar da lei do adultério promulgada por Domiciano enquanto censor no governo de Augusto, faz menção a um mito: “[O adúltero Domiciano] que recordava leis amargas para todos, que deveriam ser temidas até mesmo por Vênus e Marte”.⁸³ Há uma segunda menção a Marte, ainda na sátira 2, em que o satirista o invoca questionando a ausência de ira do deus em relação à homossexualidade explícita em Roma: “Ó, pai de Roma, de onde vem tanta depravação sobre os pastores do Lácio? De onde vem essa urtiga que toma teus filhos, Gradivo?”.⁸⁴ Ao final da mesma sátira, o enunciador expressa ceticismo em relação à existência de reinos metafísicos: “A existência de almas e reinos subterrâneos e Cócito e rãs negras do Estige e que haja um único barco que leve milhares de pessoas – nem crianças acreditam nisso, a não ser as que ainda não frequentam os banhos públicos”,⁸⁵ e essa declaração final evidencia a ironia das referências feitas a divindades mitológicas.

A presente categoria, no entanto, ocorre em especial na sátira 4, com a narração da história de um pescador que, ao capturar um imenso peixe, decide levá-lo ao imperador (v. 37-72). Há uma invocação à musa Calíope e suas irmãs,⁸⁶ e Braund⁸⁷ observa que nessa narração há mistura de frases épicas com palavras e ideias alheias ao gênero, – como exemplo, apresentamos o início da narrativa: “Quando o último dos Flávios rasgava aos pedaços um mundo já semi-morto e Roma servia a um calvo Nero [...]”.⁸⁸ Percebemos, também, na estrutura da sátira, elementos característicos da épica, como o *concilium* e o catálogo⁸⁹ dos conselheiros do imperador. Há, também, uso do termo homérico Atrida (utilizado para designar o herói Agamênon) para se referir a Domiciano: “Os senadores excluídos assistem a comida entrar em direção ao rei Atrida”,⁹⁰ e menção a Prometeu: “É necessário um grande e súbito Prometeu para fazer o prato”.⁹¹

Existe a hipótese de que essa sátira seja uma zombaria a um poema em específico, *De bello Germanico*, escrito pelo poeta épico Estácio (1 d.C.) em homenagem ao imperador Domiciano, alvo da invectiva na sátira em questão. Embora o poema não tenha sobrevivido por completo, permaneceu uma parte de seu catálogo em que se observam nomes listados como homens de confiança do imperador e que se repetem em Juvenal no catálogo dos conselheiros.⁹²

Na sátira 5, há referência a um episódio contado na *Eneida*: (“Será arrastado pelos pés e posto para fora assim como Caco foi por Hércules” [5.125-6]);⁹³ e há a comparação entre as maçãs servidas por Virrão no jantar com as de Alcínoo, personagem homérico que tinha um pomar eternamente fértil, e as que Hércules roubou como último trabalho: “Virrão, para si e para os outros Virrões, mandará maçãs cujo aroma somente é uma refeição, como as que tinha o eterno outono dos Feácios, as que podes acreditar terem sido roubadas das irmãs Africanas” (5.149).⁹⁴ As irmãs Africanas referidas são as Hespérides, ninfas primaveris que representavam a fertilidade.

A incidência de menções a personagens ou episódios épicos e mitológicos contribui para a confirmação da queixa proferida pelo satirista desde a sátira programática, quando expressa cansaço e tédio por ouvir sempre as mesmas épicas: o domínio dessas narrativas funciona como uma comprovação de que o enunciador, de fato, já as tivesse ouvido diversas vezes.

ENALTECIMENTO DE MODELOS

Embora a predominância, nas sátiras, seja de reprovação de variados aspectos de Roma devido aos maus costumes de seus cidadãos, há menção elogiosa de nomes de personalidades consideradas, pelo satirista, exemplos de retidão moral e, portanto, citadas com o objetivo de demonstrar o que devia ser um comportamento adequado e admirável.

Na sátira 2, o enunciador cita Marcos Emílio Escauro: “Portanto não é com jus e mérito que os viciosos extremos

desprezam falsos Escauros e revidam quando criticados?”,⁹⁵ que foi cônsul em 115 d.C. e censor em 109 d.C. Por ter tido uma reputação de íntegro, tornou-se um exemplo de moralidade.⁹⁶ Além disso, há, ainda na sátira 2, o seguinte verso: “Um terceiro Catão caiu do céu” (2.40),⁹⁷ usado ironicamente ao zombar que, com a retomada da lei do adultério realizada por Domiciano, Roma voltaria a ter pudor – e, neste sentido, o “terceiro Catão” se referiria ao imperador. Segundo Braund,⁹⁸ os dois Catões – Marco Pôncio Catão (234-139 a.C.) e seu bisneto de mesmo nome (95-46 a.C.) – foram exemplos de moralidade durante a República. O avô, conhecido como Catão, o Censor ou Catão, o Velho, destacou-se por sua postura conservadora, e, pelo teor da maior parte das críticas presentes nas sátiras do livro 1, é esperado que esse satirista se identifique com uma figura como a de Catão, já que o próprio enunciador constrói-se como um conservador.

Na sátira 4, no catálogo, o satirista cita Pégaso, caracterizando-o como: “Jurista mais íntegro de todos” (4.79);⁹⁹ e Quinto Víbio Crispo: “Vem também Crispo, de amigável velhice, cujos costumes assemelham-se a sua grande eloquência, espírito gentil” (4.81-83).¹⁰⁰ Braund¹⁰¹ define o primeiro como um eminente jurista e gestor da cidade; e o segundo, alguém que foi três vezes cônsul e um sobrevivente de longa data da corte imperial. Ambos eram conhecidos homens de confiança do imperador.

Tendo em vista que o satirista faz menções a indivíduos em específico para tecer críticas, é válido nos atentarmos às citações positivas para entender de forma mais clara o que seria o ideal para esse enunciador. É possível perceber a integridade de caráter como sendo um elemento importante para tornar alguém digno de admiração, especialmente quando se considera que essa seja uma característica ausente dentre a maior parte dos romanos (como ocorre com o satirista).

Além disso, quando o enunciador menciona Quinto Víbio Crispo e afirma de forma positiva que seus costumes eram condizentes com sua eloquência, é possível evocar a *Institutio oratoria* de Quintiliano (XII. 1.1), que trata da necessidade de que

um bom orador seja um bom homem. Na verdade, o filósofo grego Aristóteles, nas obras *Retórica* e *Ética a Nicômaco*, já afirmava que o orador devia ser aquilo que ele queria parecer ser, pois seu caráter e honestidade seriam tão importantes para a persuasão do público quanto seu próprio discurso. Um dos tipos de crítica mais recorrentes feitas pelo satirista juvenaliano no livro I diz respeito à hipocrisia, isto é, à discrepância entre o que se diz e o que se faz. Embora as referências das sátiras não sejam apenas a oradores, é notável a importância que o satirista atribui a uma boa conduta em sociedade, entendendo aqui “boa” como aquela que se encaixe dentro de um rígido e incorruptível padrão moral conservador, e no privado, já que o fingimento é igualmente reprovável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A *persona* satírica juvenaliana predominante no livro I constrói-se como uma figura conservadora e intolerante a desvios de conduta moral. Contudo, embora condene vícios e honre virtudes, o próprio satirista peca, e isso é perceptível na comparação estabelecida por Carmo¹⁰² entre a *persona* construída por Juvenal em sua sátira programática do livro I e o ideal de *vir bonus* definido por Cícero:¹⁰³ a indignação da *persona* juvenaliana contrasta com a moderação, temperança e indiferença a coisas externas, posturas que caracterizariam um homem virtuoso. Assim, na medida em que se pode entender o enunciador do livro I como um cidadão de tamanha retidão moral que não consegue ficar calado diante das depravações que presencia, esse próprio enunciador se expressa de forma viciosa, incontida e irada. Carmo¹⁰⁴ conclui: “A voz do satirista em Juvenal se aproxima e se afasta daquela do orador que procede ao vitupério com vistas ao bem comum”.

ABSTRACT

The Analyses Satirical Construction on Roman satirist Decimus Junius Juvenal's Book One.

According to the reading key adopted by William Anderson (1962), which recognizes the existence of a *persona* that doesn't necessarily represent its author, this work observes the main aspects of the *persona* that enunciates the five satires that constitute Juvenal's first book. The methodology used is based on Laurence Bardin's *Content Analysis* and the results of the present analysis are organized into four categories: a) association of wealthness to character flaw; b) condensation of vicious practices; c) ironization of epic themes and d) extolling of models.

KEYWORDS

Roman satire, Juvenal, satirical *persona*.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, William. **Essays on Roman satire**. Princeton: Princeton University, 1982.
- AMOSSY, Ruth (Org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Nova Cultural, 1991. v. 2. (Coleção *Os Pensadores*)
- _____. **Retórica**. Tradução Manuel Alexandre Júnior; Paulo Farmhouse Alberto; Abel do Nascimento Pena. 2 ed. Lisboa: Casa da Moeda, 2005.
- ARMSTRONG, David. Juvenalis Eques: A Dissident Voice From The Lower Tier of the Roman Elite. In: BRAUND, Susanna; OSGOOD, Josiah. **A Companion to Persius and Juvenal**. Malden: Blackwell, 2012.
- BRAUND, Susanna. Introduction. In: JUVENAL; PERSIUS. **Juvenal and Persius**: edited and translated by Susanna Morton Braund. Cambridge: Harvard University, 2004. p. 1-39.
- CARMO, Rafael Cavalcanti do. **As manifestações do cômico nas “saturae” de Juvenal**. 2014. 142 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.
- _____. A construção do *êthos* de orador nas Sátiras de Juvenal. *Letras Clássicas*, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 80-89, out. 2016. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/letrasclassicas/article/viewFile/126672/123681>>. Acesso em: 29 jul. 2017.
- CASTRO, Marihá Barbosa e. **O programa satírico de Pérsio frente à tradição**. 2015. 146 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.
- CÍCERO. **De officiis**. Tradução Maximiano Augusto Gonçalves. 2 ed. Rio de Janeiro: H. Antunes, 1986.
- CITRONI, Mario. Musa pedestre. In: CAVALLO, Guglielmo; FEDELI, Paolo; GIGARDINA, Andrea. **O espaço literário da Roma antiga**. Tradução Daniel Peluci Carrara e Fernanda Messeder Moura. Belo Horizonte: Tessitura, 2010. v. 1 (A produção do texto literário).
- HANSEN, João Adolfo. Anatomia da sátira. In: _____. **Permanência clássica: visões contemporâneas da Antiguidade greco-romana**. São Paulo: Escrituras, 2011.
- HIGHET, Gilbert. **Juvenal the Satirist: a Study**. New York: Oxford University, 1954.

JUVENAL. **Sátiras**. Texto de Francisco Antonio Martins Bastos. Rio de Janeiro: Ediouro, [s/d].

KERNAN, Alvin. **The Cankered Muse**: Satire of the English Renaissance. New Heaven: Yale University, 1959.

KNIGHT, Charles. **The Literature of Satire**. New York: Cambridge University, 2004.

OSGOOD, Josiah. Introduction: Persius and Juvenal as Satiric Successors. In: BRAUND, Susanna. OSGOOD, Josiah. **A Companion to Persius and Juvenal**. Oxford: Blackwell, 2012.

VITORINO, Mônica Costa. **Juvenal**: o satírico indignado. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/UFG, 2003.

QUINTILIANO. **Institutio oratoria**. Translation H.E. Butler. London: Harvard University, 1980.

- 1 ANDERSON, 1982.
- 2 ARMSTRONG, 2012, p. 54.
- 3 *Scholìa* eram comentários inseridos na margem de manuscritos de autores antigos, como glosas. Aqueles que escreviam *scholìa* denominavam-se escoliastas.
- 4 BRAUND, 2004, p. 18.
- 5 VITORINO, 2003, p. 19.
- 6 BRAUND, 2004, p. 2.
- 7 HIGHET, 1954.
- 8 ANDERSON, 1982.
- 9 Idem, *ibidem*.
- 10 BRAUND, 2004, p. 3.
- 11 *Sátiras* 1, 10, 48.
- 12 BRAUND, 2004, p. 3.
- 13 *Inst. Or.* 10.1.93-4.
- 14 VITORINO, 2003, p. 41.
- 15 HANSEN, 2011, p. 146.
- 16 A concepção da sátira como um gênero com objetivo moralizante não é consenso entre os estudiosos, para mais informações sobre essa questão, cf. KNIGHT, 2004, p. 5.
- 17 HANSEN, 2011, p. 145.
- 18 BRAUND, 2004, p. 1.
- 19 Na *Poética* de Aristóteles, a comédia é definida como imitação de homens inferiores (v. 22). e, nesta medida, é um gênero menor em relação a gêneros elevados, como a epopeia e a tragédia.
- 20 CITRONI, 1989, p. 329.
- 21 Idem, *ibidem*, p. 330-331.
- 22 VITORINO, 2003, p. 41.
- 23 VITORINO, 2003, p. 41.
- 24 HIGHET, 1954; PÉREZ, [s/d].
- 25 ANDERSON, 1982; BRAUND, 2004.
- 26 ARMSTRONG, 2012.
- 27 SYME *apud* VITORINO, 2003; VITORINO, 2003.
- 28 BRAUND, 2004, p. 2.
- 29 “Satirists are usually bold outspoken men who care for nobody” (HIGHET, 1954, p. 9).
- 30 CARMO, 2014, p. 15.
- 31 ANDERSON, 1982, p. VIII.
- 32 BRAUND, 2004, p. 2.
- 33 Susanna Braund (2004. 1) também considera problemática a interpretação das sátiras romanas como representação de costumes sociais pois, segundo a autora, por trás do aparente realismo, há ali um alto grau de distorção com fins cômicos.
- 34 ANDERSON, 1982, p. VIII.
- 35 BRAUND, 2004, p. 1.
- 36 VITORINO, 2003, p. 28-29.
- 37 Idem, *ibidem*, p. 13.
- 38 VITORINO, 2003, p. 19.
- 39 Para mais detalhes sobre as diferentes interpretações do texto da inscrição, cf. Vitorino (2003, p. 19).
- 40 VITORINO, 2003, p. 22.
- 41 ARMSTRONG, 2012, p. 59.
- 42 O autor usa o termo *facundus*, ou seja, habilidoso em retórica e oratória.
- 43 ARMSTRONG, 2012, p. 59.
- 44 Para melhor entender como Armstrong entende a persona satírica juvenaliana e por que razão conclui que esta pertence a um estrato social superior, como supostamente também pertence Juvenal, cf. Armstrong (2012, p. 62).

- 45 PÉREZ, [s/d], p. 11.
- 46 AMOSSY, 2011, p. 9.
- 47 Cidadãos romanos livres de boa condição financeira que exerciam diversos cargos na cidade. Para entender melhor os equestres na sociedade romana, cf. SOUZA (2014).
- 48 *Quae nunc divitibus gens acceptissima nostris/ et quos praecipue fugiam [...]* (JUVENAL, 3, v. 58-59).
- 49 *Horum ego non fugiam conchylia? / Senadores e equestres usavam túnicas com listras roxas* (JUVENAL, 3, v. 81).
- 50 *Aude aliquid brevibus Gyaris et carcere dignum, / si vis esse aliquid* (JUVENAL, 1, v. 73-74).
- 51 *Criminibus debent hortos, praetoria, mensas, / argentum vetus et stantem extra pocula caprum* (JUVENAL, 1, v. 75-76).
- 52 *It nova nec tristis per cunctas fabula cenas; / ducitur iratis plaudendum funus amicis* (JUVENAL, 1, v. 145-146).
- 53 *Simplexne furor sestertia centum perdere et horrenti tunicam non reddere servo?* (JUVENAL, 1, v. 93-93).
- 54 *Ipse capillato diffusum consule potat / calcataque madet bellis socialibus uva, / cardíaco numquam cyathum missurus amico* (JUVENAL, 5, v. 30-32).
- 55 *Nil habet infelix paupertas durius in se / quam quod ridiculos homines facit* (JUVENAL, 3, v. 153-155).
- 56 *Quis gener hic placuit censu minor atque puellae / sarcinulis inpar? Quis pauper scribitur heres? Quando in consilio est aedilibus?* (JUVENAL, 3, v. 160-162).
- 57 *Praestare tributa clientes / cogimur et cultis augere peculia servis* (JUVENAL, 3, v. 187-188).
- 58 *Non eadem vobis poni modo vina querebar? / vos aliam potatis aquam* (JUVENAL, 5, v. 51-52).
- 59 *Quandoquidem inter nos sanctissima divitiarum / maiestas, etsi funesta Pecunia templo / nondum habitat, nullas nummorum ereximus aras* (JUVENAL, 1, v. 112-116).
- 60 *O nummi, vobis hunc praestat honorem, / vos estis frater* (JUVENAL, 5, v. 136-137).
- 61 *Quantum quisque sua nummorum servat in arca, / tantum habet ei fidei* (JUVENAL, 3, v. 143-144).
- 62 *Quadringenta tibi si quis deus aut similis dis / et melior fatis donaret homuncio, quantus / ex nihilo, quantus fieres Virronis amicus!* (JUVENAL, 5, v. 132-134).
- 63 *Ense velut stricto quotiens Lucilius ardens / infremuit, rubet auditor cui frigida mens est / criminibus, tacita sudant praecordia culpa.* (JUVENAL, 1, v. 165-167).
- 64 ARISTÓTELES, 1991, 6. 30.
- 65 1.87: *Et quando uberior vitiorum copia?*
- 66 *Nil erit ulterius quod nostris moribus addat / posteritas, eadem facient cupientque minores, / omne in praecipiti vitium stetit* (JUVENAL, 1, v. 147-149).
- 67 *Cum te summoveant qui testamenta merentur / noctibus, in caelum quos evehit optima summi / nunc via processus, vetulae vesica beatae?* (JUVENAL, 1, v. 37-41).
- 68 *Vltra Sauromatas fugere hinc libet et glaciale / Oceanum, quotiens aliquid de moribus audent / qui Curios simulant et Bacchanalia vivunt.* / (JUVENAL, 2, v. 1-3). Mânio Cúrio Dentato foi um censor em 272 a.C. e representante da virtude tradicional romana (BRAUND, 1994, p. 148). As bacanais ou festas dionisíacas eram celebrações a Baco, deus do vinho.
- 69 *Castigas turpia, cum sis / inter Socraticos notissima fossa cinaedos? / hispida membra quidem et durae per brachia saetae / promittunt atrocem animum, sed podice levi / caeduntur tumidae medico ridente mariscaes* (JUVENAL, 2, v. 9-13). As bolotas a que o enunciador se refere são hemorroidas, para insinuar relação sexual anal.
- 70 *Verius ergo / et magis ingenue Peribomius; hunc ego fatis; imputo, qui vultu morbum incessuque fatetur. / horum simplicitas miserabilis, his furor ipse / dat veniam; [...]* (JUVENAL, 2, v. 15-19).
- 71 *Minus est insania turpis* (JUVENAL, 2, v. 71).
- 72 *Aspice quid faciant commercia: venerat obses, / hic fiunt homines. Nam si mora longior Vrbem / induerit pueris, non umquam derit amator, / mittentur bracia, cultelli, frena, flagellum. / sic praetextatos referunt Araxata mores* (JUVENAL, 2, v. 166-170).

73 *Praeterea sanctum nihil illi et ab inguine tutum, / non matrona laris, non filia virgo, nec ipse / sponsus levis adhuc, non filius ante pudicus. / horum si nihil est, aviam resupinat amici* (JUVENAL, 3, v. 109-112).

74 BRAUND, 2004, p. 133.

75 *Ecce iterum Crispinus, et est mihi saepe vocandus / ad partes, monstrum nulla virtute redemptum / a vitiis, aegrae solaque libidine fortes / deliciae, viduas tantum aspernatus adulter* (JUVENAL, 4, v. 1-4).

76 *Nemo malus Felix, minime corruptor et idem / incestus, cum quo nuper vittata iacebat / sanguine adhuc vivo terram subitura sacerdos* (JUVENAL, 4, v. 8-10). Há uma referência, aqui, a uma virgem vestal: sacerdotisa da deusa Vesta, deveria permanecer casta. A sedição de uma vestal era considerada impureza e a virgem corria o risco de sofrer a pena de ser enterrada viva.

77 Gênero literário caracterizado pelo uso do hexâmetro datílico e mescla de narrativa e discurso direto. Os poemas geralmente são extensos e envolvem divindades mitológicas nas ações humanas.

78 *Semper ego auditor tantum? Numquamne reponam / vexatus totiens rauci Theside Cordi?* (JUVENAL, 1, v. 1-2).

79 OSGOOD, 2013, p. 5.

80 *Cur tamen hoc potius libeat decurrere campo / , per quem Magnus equos Auruncae flexit alumnus, / si vacat ac placidi rationem admittis, edam* (JUVENAL, 1, v. 20). Aluno de Aurunca é uma referência ao satirista Lucílio, por ter sido esse seu local de nascimento. Este trecho, na verdade, é fala de um interruptor do enunciador.

81 *Ense velut stricto quotiens Lucilius ardens / infrenuit, rubet auditor cui frigida mens est / criminibus, tacita sudant praecordia culpa.* (JUVENAL, 1, v. 165).

82 *Experiar quid concedatur in illos quorum Flaminia tegitur cinis atque Latina* (JUVENAL, 1, v. 170-171). O enterro dentro da cidade de Roma era geralmente proibido, então, às margens das grandes estradas fora do território, havia os túmulos das famílias abastadas, visto que essa realização era dispendiosa (BRAUND, 2004, p. 145).

83 *Qui tunc leges revocabat amaras / omnibus atque ipsis Veneri Martique timendas [...]* (JUVENAL, 2, v. 30-31). Segundo a mitologia romana, Vênus e Marte foram flagrados em adultério por Vulcano, marido de Vênus.

84 *O pater Urbis, / unde nefas tantum Latii pastoribus? unde / haec tetigit, Gradive, tuos urtica nepotes?* (JUVENAL, 2, v. 126-128). Gradivo é um dos títulos de Marte.

85 *Esse aliquid manes et subterranea regna, / Cocytum et Stygio ranas in gurgite nigras, / atque una transire vadum tot milia cumba / nec pueri credunt, nisi qui nondum aere lavantur* (JUVENAL, 2, v. 149-152). Cócito e Estúgio são dois dos cinco rios do Hades, o mundo inferior para onde iam os mortos segundo a mitologia grega. O barco que leva centenas é uma referência à barca de Caronte, barqueiro do Hades, responsável por atravessar as almas pelos rios.

86 Na mitologia grega, há nove musas, filhas de Zeus e Mnemósine (Memória), a quem era atribuída a inspiração para a criação artística. Calíope, a mais velha, é considerada a musa da épica, inclusive, sendo invocada na *Eneida* de Virgílio (9, v. 525).

87 BRAUND, 2004, p. 194.

88 *Cum iam semianimum laceraret Flavius orbem / ultimus et calvo serviret Roma Neroni* (JUVENAL, 4, v. 37-38).

89 Elementos tradicionais da épica, o *concilium deorum* é quando os deuses se reúnem em concílio para decidir sobre os destinos das personagens; catálogo é o momento da narrativa em que ocorre a apresentação e descrição das personagens.

90 *Exclusi spectant admissa obsonia patres. / Itur ad Atriden* (JUVENAL, 4, v. 65).

91 *Debetur magnus patinae subitusque Prometheus* (JUVENAL, 4, v. 133). Prometeu, na história da criação da humanidade, teria feito os homens a partir da argila.

92 BRAUND, 1994, p. 195.

93 *Duceris planta velut ictus ab Hercule Cacus / et ponere foris [...]* (JUVENAL, 5, v. 125-126).

94 *Virro sibi et reliquis Virronibus illa iubebit / poma dari, quorum solo pascaris odore, / qualia perpetuus Phaecum autumnus habebat, / credere quae possis subrepta sororibus Afris* (JUVENAL, 5, v. 149).

- 95 *Nonne igitur iure ac merito vitia ultima fictos/ contemnunt Scauros e castigata remordent?* (JUVENAL, 2, v. 34).
- 96 BRAUND, 2004, p. 151.
- 97 *Tertius e caelo cecidit Cato* (JUVENAL, 2, v. 40).
- 98 BRAUND, 2004, p. 152-153.
- 99 *Interpres legum sanctissimus omnia* (JUVENAL, 4, v. 79).
- 100 *Venit et Crispi iucunda senectus,/ cuius erant mores qualis facundia, mite/ ingenium* [...] (JUVENAL, 4, v. 81-83).
- 101 BRAUND, 2004, p. 203.
- 102 CARMO, 2015, p. 86-7.
- 103 CÍCERO, *De off.* 1, 66-67.
- 104 CARMO, 2015, p. 88.